

**BAÚS, ÁLBUNS E CAIXINHAS: REPRESENTAÇÕES DE SENSIBILIDADE E DE AFETO EM CAMPINA GRANDE.**

**Maria Aparecida Barbosa de Figueiredo**

Mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande  
aparecidabf@hotmail.com

**Orientador: Profº. Dr. Severino Cabral Filho**

Professor do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de  
Campina Grande  
cabralf@terra.com.br

**RESUMO**

Com este artigo procuramos refletir sobre como as imagens fotográficas contidas nos álbuns de família podem revelar fragmentos de experiências de setores das elites campinenses entre os anos de 1950 e 1970. Por meio desse acervo imagético, buscamos identificar as mais diversas manifestações de afetividade apresentadas não apenas nas fotografias, mas em outros materiais encontrados nas caixas que abrigam os álbuns de família: rosas, bilhetes, cartões postais com dedicatória, entre outros elementos que remetem a aspectos da memória daquelas pessoas. Para tal discussão, entendemos ser fundamental o contato com a chamada vertente da Nova História Cultural, onde encontramos amparo para tratarmos de temas tão emergentes na historiografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia, Álbuns de Família e Afeto.

### **Por uma história mais sensível.**

A escolha de alguns objetos como fontes para a tessitura do texto nas ciências sociais ainda parece pouco convencional. Para a História, a possibilidade de trabalhar com outros elementos que não os documentos escritos é bem mais recente. É a partir da revolução proporcionada pela Escola dos Annales, que começa a se estabelecer uma história engajada, cujo objetivo principal é preencher as lacunas inerentes à condição humana, e para a construção desta narrativa, objetos para além do texto-documento passam a ser considerados indícios que permitem a construção de uma história mais sensível.

Nosso objetivo neste artigo é refletir como a partir de alguns artefatos, a saber, a fotografia, os bilhetes, as flores secas entre outros elementos guardados nas caixas, baús e álbuns de família, apresentam-se para nós como vestígios de relações afetivas de alguns membros de famílias da elite campinense nas décadas de 1950 a 1970.

Aqui enfrentamos o desafio próprio de tratar de temas tão fugidios e de refletir sobre práticas, relações e sentimentos que vão desde a saudade ao amor, do afeto à paixão, utilizando para tal observação um artefato não menos desafiador: a fotografia.

Compreendendo que as fotografias de família são idealizadas pelo desejo da pessoa ou do grupo fotografado em eternizar um instante, uma cena, um rito de passagem, uma festa e até um funeral, para constituir-se parte da memória daquele grupo. Percebemos também que essa prática era mais comum às famílias mais abastadas, como podemos constatar em Miriam Moreira Leite em seu livro “Retratos de família: leitura da fotografia histórica”. A autora nos afirma que: “*O álbum de família, embora mais generalizado... é um registro de classe média e alta*”. (1993:75).<sup>1</sup>

Assim, pressupomos que exista uma intenção primeira dessas famílias em fazer um registro sensível do individual e do privado, preocupadas com a duração e preservação de suas memórias. Caso venham estas imagens despertar a reflexão e o interesse em outrem, essas se tornarão um adequado acervo documental na medida em

---

<sup>1</sup> LEITE, Miriam Moreira. Retratos de família: leitura da fotografia histórica. São. Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

que forem *descongeladas* do álbum para tornar-se fonte e indício para qualquer pesquisador das ciências humanas.

Foi por ocasião da nossa pesquisa para o mestrado, que nos deparamos com as imagens fotográficas dos álbuns de quatro famílias da elite campinense<sup>2</sup>, e que nos propusemos a construir uma narrativa levando em consideração o valor afetivo destes artefatos guardados por mais de meio século pelas pessoas que aqui chamamos de ‘guardiões da memória familiar’ destes grupos.

Foi num desses álbuns pertencentes à família Borborema/Cunha Lima que, ao encontrarmos uma caixa de goma de mascar ADAMS, sabor tutti-frutti, compartilhado em 1952, nos propusemos a refletir a cidade de Campina Grande nas décadas de 1950 a 1970 tomando como indícios esse elementos da esfera do sensível, do afetivo e do íntimo.

### **Lugares de sociabilidade, o cenário do *footing* e do *flerte*.**

Por volta de 1950, Campina Grande já contava com vários espaços de lazer públicos e privados. Para o lazer em espaços privados, a cidade oferecia, sobretudo, àqueles de maior poder aquisitivo, atrativos sócio-culturais como cinemas, clubes e teatros.

Havia cerca de dez cinemas de bairros espalhados por toda cidade sendo que quatro deles localizavam-se nas principais artérias campinense; O Cine-Theatro Capitólio inaugurado em 1934; o Cine Babilônia em 1939; em 1945, o Cine Avenida, no bairro da Prata, e o Cine São José no bairro de São José, na década de 1940.

Além do cinema, havia também diversos clubes privados e também o Teatro Municipal Severino Cabral construído em 1963, que entra na cena urbana como outra opção de lazer coletivo e privado destinado àqueles mais abastados.

---

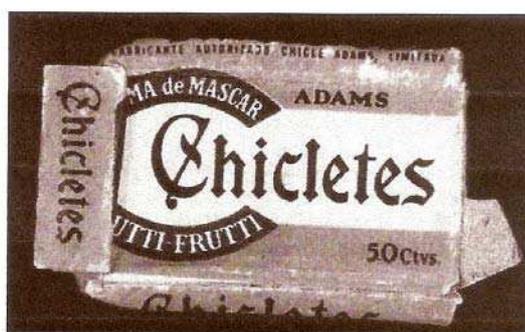
<sup>2</sup>As quatro famílias que compõem nossa pesquisa são: Borborema/Cunha Lima; de Souza/Araújo; Chaves/Brasileiro e Dantas/Sodré. Classificamos essas famílias como “de elite” a partir do conceito proposto por Jeffrey D Needell em que o autor traça o perfil desta elite como sendo um grupo constituído por herdeiros de valores culturais ingleses e franceses, detentores do poderio econômico, social e intelectual, do refinamento e das ‘boas maneiras’ e participantes das mesmas instituições formais de educação e de lazer. “A elite aqui examinada foi definida a partir de fontes primárias, grupos e instituições cuidadosamente selecionados, e está identificada a uma definição mais ampla de poder – poder derivado da riqueza, ocupação e status social reconhecido, bem como da posição política e, mais comumente, poder derivado de uma combinação de todos estes fatores”. Needell, Jeffrey D. Belle Époque Tropical; sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na Virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.p 275.

Já nos espaços públicos de lazer, as praças apresentam-se como patrimônios culturais e históricos, importantes instrumentos de lazer que possibilita a população desfrutar de hábitos, costumes, como a prática do passeio público, o chamado *footing*.

Em Campina Grande, nas praças Clementino Procópio, Coronel Antonio Pessoa e Praça da Bandeira, à luz do dia e principalmente no final de semana, famílias inteiras, jovens casais, crianças, homens e mulheres dos mais variados grupos sociais, deleitavam-se nesses espaços criados com função estética e de lazer.

Localizada defronte a um dos mais tradicionais colégios de Campina Grande, o Colégio Imaculada Conceição – Damas - a Praça da Bandeira era um dos principais lugares de sociabilidade daquela geração. Também na Praça Clementino Procópio as *moças de fino trato*, quando iam passear, conheciam alguns *rapazes de família* que por ali circulavam, ou passavam para o comércio. Nestes espaços, aos domingos após a missa da Matriz, moças em grupos circulavam por um lado, acompanhadas de uma pessoa mais velha e os rapazes iam pelo outro lado. Aconteciam trocas de olhares, sorrisos e gestos. Era o chamado flerte.

Consolidado o namoro, geralmente com o consentimento da família, o casal na busca de certa privacidade pra troca de carícias, procura o cinema. Dentro do cinema, as moças, para se aproximar do pretendido, contavam com a colaboração do “*segurador de vela*”, que podia ser uma tia, por exemplo. Foi numa dessas oportunidades que o jovem Ivandro dividiu com sua pretendida Walnyza Borborema no Cinema Babilônia, uma goma de mascar ADAMS, sabor tutti-frutti, numa tarde em 1952.



*O primeiro Chicletes, na sessão do Cine Babilônia  
Foto: Acervo da família Borborema/C. Lima*

Era comum jovens como Ivandro e Walniza, freqüentarem as secções de cinema na seção da tardes, a “*matinê*”. Rapazes de camisas de manga curta e cabelos penteados com brilhantina desfilavam pela calçada da Rua Floriano Peixoto e da Rua Irineu Joffily. Esperavam a chegada das moças, vestidos apertados na cintura, sapatos de salto

alto. Ali seus pretendentes, ou mesmo quando já firmado o namoro, esperavam ansiosos a chegada de sua amada, que para sua desventura sempre chegava acompanhada de uma pessoa de confiança da família. Assim eram os princípios de namoro entre esses jovens nos anos 50/60.

A goma de mascar tão popular nos Estados Unidos nos anos de 1960, agora fazia parte também do universo dos jovens brasileiros. O hábito de mascar chicletes (como passou a chamar-se) foi muito influenciado pelos filmes americanos, onde era comum ver atores e atrizes de Hollywood mascando chicletes. O chiclete ADAMS foi um dos primeiros a ser fabricada no Brasil em 1942, nos sabores Hortelã e Tutti-fruti<sup>3</sup>.

Nosso também casal desfruta dessa novidade, o que nos leva a pensar que para além da intenção de quebra de valores ou de imitação da cultura norte-americana, exista um desejo de compartilhar no escurinho do cinema, carinho, afeto com uma dose certa de doçura.

Dentro do cinema, as histórias de amor e ação expostas na tela serviam de inspiração e alento para as bem sucedidas histórias daqueles jovens campinenses.

Foi numa dessas tardes, no Cine Capitólio que o nosso casal Ivandro e Walnyza, inspirados pelas cenas de amor e ternura do filme e aproveitando o favorável e aconchegante ambiente, degustaram uma barra de chocolate Diamante Negro.



*Chocolate dividido numa seção de cinema do Cine Babilônia.  
Foto: Acervo da família Borborema/C. Lima*

A embalagem desse chocolate dividido por este casal apaixonado no ano de 1953, na sala de exibição do Cine Babilônia, e que fora cuidadosamente guardada no

---

<sup>3</sup>Informações do site:

[http://www.sixsoft.empresarial.ws/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=159:a-origem-das-marcas-adams&catid=35:noticias-categoria&Itemid=56](http://www.sixsoft.empresarial.ws/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=159:a-origem-das-marcas-adams&catid=35:noticias-categoria&Itemid=56). Artigo: A Origem das Marcas – Adams. Escrito por Administrator Seg, 27 de Dezembro de 2010 06:15

álbum de retratos de Dona Walnyza, se apresenta neste momento para nós, como indício do grande significado daquela ocasião para eles, um marco na jornada de uma vida a dois que duraria exatos quarenta e sete anos.

Podemos imaginar que essa troca de afeto é amplificada quando da degustação de uma barra de chocolate. O ato de oferecer o chocolate, de comê-lo, partilhando emoções, sensações, sentimentos, remete-nos a pensar na simbologia deste alimento.

O chocolate que, desde sua origem é considerado um alimento simbólico, tem em sua constituição a feniletalimina substância química, ingrediente natural do chocolate - atua no sistema límbico assim como a endorfina<sup>4</sup>. Daí a explicação para o fato do chocolate deixar as pessoas felizes. Ivandro e Walniza desfrutavam parte desta sensação de prazer proporcionada pelo consumo de chocolate, que é historicamente associado à manifestação de afeto e de paixão.

Degustar um chocolate cheio de estilo e charme sugere paixão, o ato de comê-lo a dois, indica sensualidade. E essa paixão permanece inscrita nas fotografias, cartas, flores secas e cartões, preservados por quase meio século.

No início da paquera, Walniza despertou a atenção do seu vizinho Ivandro, residente à Rua Sólon de Lucena, número 106, Centro, quando todos os dias à tarde, punha-se a esperar que ele passasse defronte à sua casa, sempre no período vespertino. Certa tarde, vendo que ele estava a passear pela calçada, e depois de inúmeras trocas de olhares, Walniza ao vê-lo aproximar-se, antecipa-se a cumprimentá-lo, oferecendo-lhe um cravo recém tirado seu jardim. Era o sinal de que aqueles olhares sempre tão ternos, estavam sendo retribuídos, mais ainda, que o seu coração já o havia elegido como dono.

Timidamente, entre sorrisos e surpresa, Ivandro recebe o cravo e a convida para conversar logo mais à noite. Em sua narrativa, diz Ivandro:

Meu coração quase saiu pela boca, pois tinha dúvida se aqueles olhares dariam frutos, já que a moça era de uma beleza admirável. Achei que ela nunca retribuiria minhas investidas, mas quando ela se aproximou e me deu aquele cravo, disse pra mim mesmo, é com ela que eu caso.

Era dia 15 de março de 1950. No dia seguinte, começaram a namorar.

---

<sup>4</sup> Andrade RV; Silva AF; Moreira FN; Santos HPS; Dantas HF; Almeida IF; Lobo LPB; Nascimento MA – artigo: Atuação dos Neurotransmissores na Depressão. Revista Ciências Farmacêuticas, Vol. 1, No 1, Brasília, Janeiro/Março 2003 p.16.



Foto: Acervo da família Borborema/C. Lima

Na imagem podemos ver um pequeno buquê de cravos secos, que encontra-se cuidadosamente guardado numa das páginas de um dos álbuns de Ivandro e Walnyza. Estas flores guardadas contra a ação destruidora do tempo surgem para nós como vestígio de uma história de amor que se perpetua através da memória preservada.

O jovem enamorado trabalhava como auxiliar de tabelião no Cartório do 1º Ofício da Comarca de Campina Grande, localizado à Rua Afonso Campos, Nº 08, Centro, e fora aprovado para o curso de Direito na Universidade do Recife, em 1950.

Walnyza, no entanto, ao ficar em Campina Grande experimentaria o amargo sabor da saudade. Sentindo a ausência do seu amado, a jovem fez uma viagem ao Rio de Janeiro de onde escrevia com frequência para ele, que dividia seu tempo entre as tarefas universitárias e as idas e vindas à campina Grande para cumprir as obrigações no Cartório.

Muitas eram as expectativas do jovem casal. À distância, as lembranças, a expectativa sobre futuro que construiriam juntos, todas as dificuldades que enfrentariam, era partilhada por meio de cartas que estreitavam a cada dia os laços de afetividade que os unia.

Essas incertezas que eram narradas através de cartas, recados e bilhetes, fornecem para nós indícios de como era manifestado o amor burguês em meados do século XX. Debruçamo-nos sobre as caixas onde estavam guardados esses itens, buscando perceber as formas de se manifestar esse *bem querer*. Inicialmente lançamos nosso olhar sobre um dos manuscritos trocados pelo casal Ivandro e Walnyza que dizia:

*“Ivandro:*

*Saudades.*

*Sonhei contigo, com teus olhos, que tanto admiro... Quando terei a felicidade de ver-te? Vens realmente no dia 05 de janeiro? Quero saber se devo esperar ou se vou embora, pois as saudades são demais.*

*Ver-te aqui, comigo será um sonho, porque acho que não mereço tamanha felicidade.*

*Não sei se o faço bem em escrever-te, pois não pediste que eu o fizesse; só me deste teu endereço sem que eu soubesse para que. És muito orgulhoso... Não largo a caderneta que me deste.*

*Guardaste o cravo que eu te dei?*

*Abraços para Mariinha.*

*Espero resposta ainda esta semana.*

*Até breve:*

*Walnyza*

*N. B.- Meu endereço: Walnyza Borborema Nogueira Lima, 205.*

*Hipódromo.*

*18/12/950*

As palavras contidas nessa carta, escrita com o propósito de reduzir a distância entre Walnyza, que estava no Rio de Janeiro, e Ivandro que se encontrava em Recife, demonstram fundamentalmente o desejo que ela revela em tê-lo perto. Cartas de amor são por si só uma forma de exprimir o amor a distancia, tornando presente o ser amado ausente.

Ao identificarmos certa hesitação em escrever, percebido pela utilização das reticências, em dar notícias e principalmente em não ser invasiva, podemos supor o comedimento imposto à palavra escrita em oposição a um sentimento desejoso de extrapolar certas regras gramaticais.

Observamos ainda que o anseio de Walnyza em ter o seu amado consigo, materializa-se na importância que a mesma dedica a caderneta com que foi presenteadada; ainda é possível ver uma certa preocupação em saber se ela também ocupa o pensamento dele, quando ela pergunta sobre o cravo que lhe deu. Por fim, percebemos um esforço por parte da enamorada de esmerar-se na grafia correta das palavras, posto que seu pretendido encontrava-se numa Faculdade bastante renomada.

A preocupação com o modo de apresentar-se, portar-se e expressar seus sentimentos é bastante comum entre os burgueses. Esta carta encerra elementos típicos de como a burguesia campinense tratava do afeto, da saudade, e do amor. Com parcimônia e comedimento. Não se percebe nela indícios de arrebatamento nem de manifestações impetuosas de paixão. Apenas uma singela carta de amor, conforme os moldes da época. Também expressa dúvida (“*não sei se faço bem em escrever-te*”) e uma certa submissão (“*pois não pediste que eu o fizesse; só me deste teu endereço sem que eu soubesse para que*”). Esses silêncios, essas lacunas e essas reticências, muito nos fala sobre o comportamento de alguns jovens pertencentes à elite campinense.

Esse período em que nossos personagens estão vivendo sua história é um período conturbado com relação às relações afetivas. Nos anos de 1950 a 1970, nosso recorte temporal, o mundo vivenciou grandes transformações de padrões de comportamento entre os jovens de diversas sociedades. Principalmente nos anos de 1960, com o *American way of life* (*estilo de vida americano*), a emergência sexo, drogas e rock n' roll, do “amor livre” do casamento como uma amarra social, do princípio de vida que busca a liberdade e a procura da felicidade, esses elementos foram apreciados por muitos jovens e chocaram a sociedade conservadora no Festival Woodstock, em 1969. São sinais e iniciais do que Bauman viria a chamar de “amor líquido”.<sup>5</sup>

No entanto, em que pese às cartas ansiosas, as flores e os beijos, a atitude de quebrar o silêncio através dos bilhetes e dos encontros à luz do sol ou à luz da lua, nossos jovens enamorados, viviam um amor romântico, permeado de elementos românticos, onde o casamento se apresentaria como um desfecho natural. Coisas simples, mas não menos afetuosas.

Para compreendermos essas manifestações afetivas no seio da burguesia campinense, valemo-nos da contribuição de Peter Gay, importante historiador da cultura burguesa vitoriana que analisa por meio da psico-história a experiência burguesa e a formação das sensibilidades erótico-afetivas no período vitoriano<sup>6</sup>. Embora tratemos aqui de uma camada social, geográfica e política bastante diferenciada, encontramos nesse autor subsídios teóricos e metodológicos úteis à empreitada historiográfica que estamos nos propondo.

O autor discorre sobre como era experiência amorosa, a partir do que ele chama de *legados conflitantes* transmitidos por expoentes que vão desde Plutarco à Freud. Escreve Peter Gay:

...por mais distantes ou desdenhosos que fossem, os que pensaram o amor no século XIX não eram simplesmente adversários, mas também ingredientes da cultura burguesa.[...] Havia na verdade um princípio essencial em torno do qual os cínicos, os metafísicos, os pesquisadores, e os burgueses comuns podiam se unir de bom grado: o verdadeiro amor é a conjunção da

---

<sup>5</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004. O autor discorre sobre a extraordinária fluidez com que as relações se estabelecem se movem e escorrem sem muitos obstáculos, marcadas pela ausência de peso, em constante e frenético movimento.

<sup>6</sup> Peter Gay. Escreveu uma coleção composta de cinco livros sobre a burguesia no século XIX; *A Experiência Burguesa: da Rainha Vitória a Freud*, a saber: *A educação dos sentidos* (1988), *A paixão terna* (1990), *O cultivo do ódio* (1995), *O coração desvelado* (1999) e *Guerras do prazer* (2001).

concupiscência com o afeto. [...] requer a união de “duas correntes”, a “afetuosa e a sensual”.<sup>7</sup>

Aqui nos aproximamos do conceito proposto pelo autor, de que o amor seria a junção dessas duas manifestações: o afeto e o sensual. De fato, podemos perceber através das nossas fontes que há muito mais elementos que expressam essa afetuosidade do que algo revelador de uma intenção mais sensual, embora não somos ingênuos de pensar que uma coisa não leve a outra.

Outra ressalva que achamos prudente fazer é que, sob a ótica de Peter Gay (2001), “boa parte do amor da classe média era declarada em cartas fervorosas e em gestos intempestivos”. (p.10). No entanto em ‘nossas’ cartas e bilhetes, não foi possível apreender este fervor talvez porque o amor latente de nossos personagens estaria sujeito a uma realidade socialmente imposta num determinado espaço e tempo, que aqui apresenta-se dentro de uma cidade do interior nordestino em pleno meados do século XX.

Essas limitações sociais e morais que obstaculavam as mais calorosas manifestações de amor, no entanto, não eram barreiras para que os amantes e amores proibidos vivessem grandes histórias de amor.

Foi através de todas essas informações sobre cultura burguesa que identificamos, nas poses das imagens retratadas, nas cartas, bilhetes e nos demais objetos que manuseamos em nossa empreitada, e, sobretudo nas dedicatórias das fotografias, como se compunha esse ideário burguês de alguns jovens das famílias mais abastadas de Campina Grande.

Deparamo-nos com outras formas de expressão de ternura dadas a ver nas dedicatórias encontradas no verso dos retratos enviados a parentes e amigos. Um exemplo disso são as fotografias do acervo da família Dantas/Sodré. Dona Maria do Céu Dantas Sodré, hoje é uma senhora de 83 anos, que registrou todos os momentos importantes de sua vida e sua família.

Seu acervo começa em 1945, onde Dona Céu, como é mais conhecida, lembra que enviou uma lembrança de sua formatura do Curso Clássico para o seu pretendido Lauro Sodré. Um retrato. Colocou-o num envelope, e, por intermédio de uma prima, Maria Tereza, fez chegar as suas mãos, aquilo que para ela representava um símbolo, sua realização profissional. Lauro com quem já namorava há algum tempo tinha lhe

---

<sup>7</sup>Grifos do autor. GAY, Peter. A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: A Paixão Terna. p.46. Companhia das Letras. 1990.

pedido uma ‘lembrança’ e ela estava, segundo seu relato, esperando uma oportunidade, um motivo para lhe dar o retrato. “*Então chegou o dia da minha formatura e eu pensei, vou mandar a foto que tanto Lauro pediu, assim com a beca*”, disse Dona Céu.

Usando um crucifixo como colar numa pose típica da elite da qual fazia parte. A fotografia tinha o objetivo implícito de fazer ver ao seu namorado, muito mais que uma simples recordação, mas um registro do momento de sua formatura, e conseqüentemente, de sua formação escolar, coisa só alcançada para uns poucos privilegiados pelo poder econômico da época.



Foto: Acervo da família Dantas/Sodré

Uma moça instruída, letrada e de ‘boa família’, era seguramente um ‘bom partido’ para os jovens herdeiros das benesses do capital campinense. E esse era o caso de Lauro Sodré, filho de comerciantes de algodão.

No verso da foto, podemos observar a caligrafia caprichada da recém formada. No entanto não há uma dedicatória. Segundo ela, era muito tímida e não teve coragem de se expressar mais diretamente para o namorado. “*Não sabia o que colocar, se dizia para Lauro, para meu querido, essas coisas, então resolvi mandar assim mesmo, sem dedicatória. Mas olha a letra! Caprichei mesmo.*” (risos).

Naquela época era comum ofertar fotografias a parentes, amigos e enamorados. Muitas dessas dedicatórias são os indícios de que este hábito fomentou as mais distintas demonstrações de afabilidade e gentileza entre amigos e familiares de uma pequena elite que tinha acesso a essa prática.

Era usual também esperar que se retribuíssem essas lembranças como sinal de estima e consideração. E Lauro Sodré não fugiu à regra.

Com o progresso do namoro, ele sentiu-se a vontade para ofertar um retrato seu para sua amada. No verso da fotografia abaixo, podemos ler: “*Ceuzinha, com todo o amor de Lauro*”. Em, 18-XI-4.

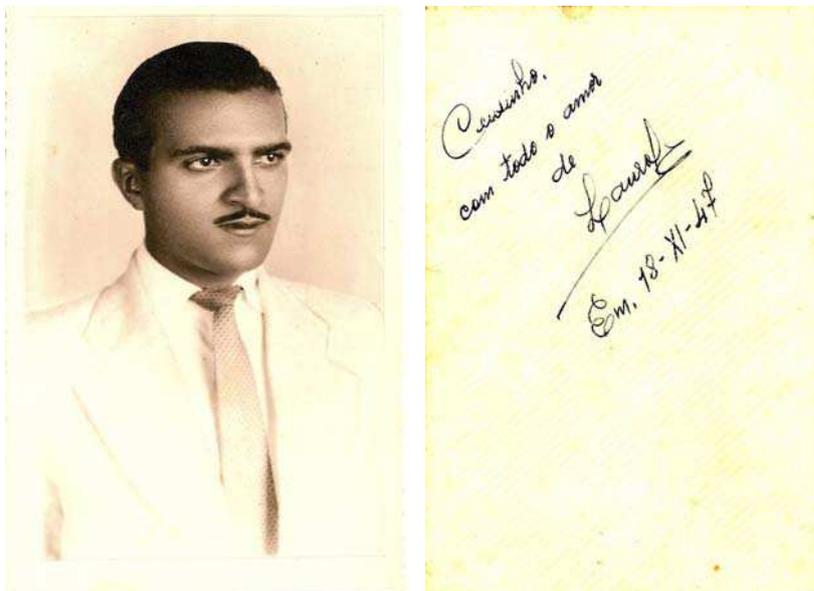


Foto: Acervo da família Dantas/Sodré

Nessa troca de retratos estão implícitos diversos significados que vai desde a necessidade de prolongar o contato, a proximidade, o desejo de que o vínculo persista até o de ostentar, uma condição financeira através dos signos transpostos pelos adereços do fotografado.

Outra probabilidade de leitura de retratos como esses é de que esses momentos, embora sejam significativos em si mesmos, tornaram-se memoráveis por terem sido fotografados, uma vez que, os eventos findam e as fotografias permanecem, prestando-se a servir de marca de existência daquela ocasião e a promover infinitos discursos sobre ela.

Podemos ainda pensar sobre a possibilidade de que, na troca desses retratos, sobretudo os da formatura, possam estar subentendido uma demonstração de status social e profissional. Ser concluinte do curso clássico numa das mais tradicionais escolas particulares de Campina Grande, como também ser Bacharel em Direito por aquela época, pressupunha um poder aquisitivo elevado e conseqüentemente a garantia de um futuro promissor.

Ambos os casais aos quais nos reportamos nesta breve comunicação, casaram-se e constituíram família. Dona Walnyza Borborema Cunha Lima, faleceu em 13 de fevereiro de 2004, deixando viúvo, Ivandro Cunha Lima e cinco filhos. Lauro Sodré, também é falecido desde 2002, deixando viúva Dona Céu Sodré e quatro filhos.

### **Concluindo:**

São estas manifestações de amor e de afeto que pudemos perceber inicialmente ao manusearmos o inventário imagético dessas famílias. Em suas caixas, guardadas com tanto cuidado, encontramos nos álbuns de nossas famílias, dados que extrapolam a função mais elementar de arquivar retratos.

O material analisado emerge como testemunhas de um passado recente e figura como de ponto de interseção entre o passado e o presente. Rememorar momentos e situações através da fotografia de família leva naturalmente o narrador a buscar na memória afetiva lembranças arquivadas e recuperadas pelo contato com as imagens e conseqüentemente a produção de uma nova narrativa permeada de emoção, fantasia e significação.

Esse amor registrado em cartas, flores secas, lembranças de chocolates e chiclets, além de nos remeter ao passado, nos mostram sinais de como se manifestavam o romantismo e o afeto numa época em que a cidade era descrita como moderna por setores intelectualizados de sua elite, que, por outro lado, lutavam para conservar os seus valores mais tradicionais, como do casamento, base da família e por conseqüência da sociedade.

Assim eram as manifestações do amor no seio dessa elite. Um amor apaixonado e terno, se seguirmos o ponto de vista do historiador Peter Gay. Amor permeado de sensualidade quando da degustação “a dois” de um chocolate e de afeição por ocasião do oferecimento e do recebimento de uma rosa. Um amor presente nos sonhos dos amantes e no desejo dos beijos adoçados por chiclets. Do namoro no portão e dos abraços no escurinho do cinema. Um amor na fronteira do proibido e do permitido, das tensões e dos conflitos de uma juventude que, em parte, sonhava com o jeito americano de viver, mas vivia sob os olhos vigilantes da tradição e das permanências.

São com esses artefatos que ousamos contar uma história sensível, pois acreditamos nas palavras de Octaviano Paz quando nos afirma que “*a história é conhecimento que se situa entre a ciência propriamente dita e a poesia*”.

**Referências Bibliográficas:**

ANDRADE RV; Silva AF; Moreira FN; Santos HPS; Dantas HF; Almeida IF; Lobo LPB; Nascimento MA – artigo: *Atuação dos Neurotransmissores na Depressão*. Revista Ciências Farmacêuticas, Vol. 1, No 1, Brasília, Janeiro/Março 2003 p.16.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

GAY, Peter. *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: A Paixão Terna*. p.46. Companhia das Letras. 1990.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

MARTINS, José de Souza; Eckert, Cornélia & Novaes, Sylvia Caiuby (orgs.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2005.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical; sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na Virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.